

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E A IMAGEM DE SI REVELADA NOS DISCURSOS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Edmar Peixoto de Lima (UERN)
edmarpeixoto@uern.br

Primeiras palavras

Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada “O *ethos* de professores universitários em discursos sobre o ensino de Língua Portuguesa”, vinculada institucionalmente ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL-UERN) e à linha de pesquisa “texto, ensino e construção de sentidos”. O *corpus* faz parte do banco de dados do Projeto de Cooperação Acadêmica: *disciplinas voltadas às metodologias de ensino de Língua Portuguesa* (PROCAD), um projeto que envolve a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade do Estado de São Paulo (USP) e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Delimitamos, dentre as questões que constituem as entrevistas realizadas com os docentes das referidas universidades, as questões que nos possibilitem compreender o *ethos* revelado nos discursos dos docentes quando se posicionam acerca da função dessas disciplinas na formação dos graduandos. Portanto, objetivamos analisar o *ethos* dos professores universitários revelado nos discursos sobre o ensino de Língua Portuguesa, e mais especificamente, acerca das disciplinas voltadas às metodologias de ensino de língua Portuguesa no curso de Letras.

Como fundamentação teórica, apropriamo-nos dos conceitos da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação no Discurso (PERELMAN & TYTECA, 2005), bem como da noção de *ethos* discursivo defendido por Amossy (2008), dentre outros estudiosos.

Nosso trabalho está assim organizado: algumas considerações acerca da Teoria que fundamenta as discussões delineadas nesse artigo, cujo objetivo consiste em mostrar os aspectos relevantes que norteiam as análises dos dados. Em seguida, nos debruçamos sobre os elementos retóricos (*ethos*, *pathos* e *logos*) para que possamos traçar a importância desse tripé para a compreensão da imagem revelada nos discursos dos docentes. E por fim, discutimos o *ethos* dos professores universitários quando discutem questões envolvendo o ensino de Língua Portuguesa na universidade. E, para concluir nossos trabalhos, apresentamos nossas considerações finais com o intuito de encerrarmos nosso debate, embora saibamos que a temática não se encerra aqui, muitas investigações deverão ser abordadas no devir.

1. Teoria da Argumentação no discurso

Argumentar implica em compreender a função que a linguagem exerce numa relação de convencimento, é uma ação que se dá em função do outro e, por essa razão, busca agir sobre o interlocutor de alguma forma. Nessa perspectiva, no momento em que

o falante utiliza a linguagem, em situação concreta de comunicação, o que antes era forma linguística, reveste-se nesse momento de significados, conforme Bakhtin (2003, p. 275), “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso”. Em cada uma das situações de comunicação, os participantes criam suas próprias formas de enunciar, constroem sentidos em parcerias e, nesse movimento, não se pode desvincular a capacidade argumentativa dos discursos existentes.

Maneli (2004, p. 13) afirma que “a argumentação é um processo ao mesmo tempo prático e intelectual”. Isso envolve as questões ligadas ao cotidiano, às práticas sociais, ao mesmo tempo em que exige reflexão por parte do orador, haja vista a necessidade de organizar o discurso, para que possa atingir os objetivos previstos. Percebemos que nas relações sociais, expressamos opiniões, convicções, pensamentos, sendo nessa relação de reciprocidade que os indivíduos utilizam os discursos para atuar sobre o outro de diversas formas.

a argumentatividade está presente em toda e qualquer atividade discursiva, tem-se também como básico o fato de que argumentar significa considerar o outro como capaz de reagir e interagir diante das propostas e teses que lhe são apresentadas. (MOSCA, 2004, p. 17).

Portanto, a argumentação se configura como essencial aos estudos que envolvem os discursos pelo fato de que são proferidos por alguém, que se posiciona acerca da temática e se dirige ao outro do ato comunicativo, levando-o a concordar ou discordar do dito por meio de textos, os quais são de caráter argumentativo.

Para o sucesso da argumentação, é necessário que os envolvidos no processo comunicativo estejam dispostos a dar atenção ao que será dito, afim de que seja iniciado o ponto de partida para que se estabeleça o necessário acordo entre as partes envolvidas no processo argumentativo.

Esse acordo se configura como uma predisposição inicial do auditório de dar atenção aos discursos do orador, para que, de fato, ocorra a argumentação. No entanto, se o acordo entre orador e auditório não se estabelecer, o auditório poderá rejeitar o discurso, comprometendo o propósito argumentativo a que ele, orador, se propõe, impedindo-o de continuar defendendo as suas ideias. Para Perelman e Tyteca (2005, p. 50),

uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

Ao contar com a adesão dos ouvintes às suas considerações iniciais, o orador percebe que o auditório está propenso a ouvi-lo, podendo dar continuidade ao processo argumentativo a que se propôs. Essas questões acontecem de modo interligado, ou seja, as relações não se estabelecem de maneira separada do todo da argumentação.

2. Elementos Retóricos: *ethos*, *pathos* e *logos*

Tomando por base as discussões acerca da importância da argumentação nesse trabalho, passemos agora a discutir os elementos da retórica que, de acordo com Aristóteles, tem como função proporcionar ao orador a criação dos argumentos, que são de três tipos: *ethos*, *pathos* e *logos*.

De acordo com Souza (2003, p. 48), “o *ethos* (centrado no orador, no seu caráter, na sua ética); o *pathos* (representa o auditório, as suas paixões, as suas seduções) e o *logos* (mais racional, é o discurso, com seus argumentos, que pode ser literário, religioso, jornalístico, etc.)”. Por essa razão, quando a argumentação estiver centrada na lógica, nos argumentos, a pretensão é levar o interlocutor ao convencimento das teses; quando estiver centrada no auditório, no *pathos*, a intenção, de acordo com o autor, é persuadir e manipular e quando estiver centrada na figura do orador, ou seja, no *ethos*, pode ou não ser manipulativo.

O que nos direciona a concluir, que mesmo havendo características específicas é a inter-relação entre os elementos retóricos que a argumentação se constrói. Em outras palavras, *ethos*, *pathos* e *logos*, respectivamente, se inter-relacionam em função de interagir com o outro de modo que possa conduzi-lo ao convencimento ou persuasão. As relações constitutivas se instauram entre as posições do orador (*ethos*) e as paixões do auditório (*pathos*), haja vista dialogarem entre si. Segundo Meyer (2007, p. 48),

Observemos que o desenvolvimento do edifício retórico, da introdução à conclusão, recobre três grandes momentos: o *ethos* se apresenta ao auditório e visa captar sua atenção a respeito de uma questão, em seguida ele expõe o *logos* próprio dessa questão, eventualmente apresentando o pró e o contra. E o orador conclui pelo *pathos*, pois dessa vez se trata de atuar no coração e no corpo do auditório, se possível agindo sobre suas paixões, em todo caso sobre seus sentimentos, e mesmo sobre suas emoções. (grifos do autor)

Com base no processo argumentativo, esses três elementos estão imbricados, ou seja, não se concebe um separado dos demais. Isto se dá, principalmente, porque, como já ressaltamos, o orador atua com vistas a atingir seu auditório e ele busca responder as questões surgidas, ou seja, o auditório (*pathos*) motiva, encaminha, direciona o comportamento do orador (*ethos*), e ambos se utilizam das teses, ideias, argumentos (*logos*), para se posicionarem e defenderem suas crenças.

Entendemos que no ato de argumentar nos deparamos com a tese que o orador defende e expressa pelo discurso, à imagem que ele presume do seu auditório (*pathos*), assim como a própria imagem de si (*ethos*) revelada, já que o orador objetiva fazer com que o auditório adira a suas teses e possa se convencer do que está sendo defendido.

O *ethos* remete a construção da imagem que o orador revela de si em seus discursos. Essa construção não se dá de forma totalmente consciente, embora entendamos que o orador deva se adequar ao auditório e poderá assumir diferentes formas de comportamentos. Em outras palavras, o orador tende a se ajustar aos desejos, do auditório por meio da defesa de suas teses. O *pathos* se configura no objeto de desejo

do orador, em que se torna o foco principal dos discursos. E, por fim, o *logos* que é o próprio discurso, cujas marcas do orador, as teses e os argumentos estão presentes e que possibilitam revelar a imagem do orador.

Falar do orador é nos remeter a uma ideia já posta de que o orador, ao tomar a palavra e defender suas teses na tentativa de convencer o auditório a quem se dirige, revela em seu discurso uma imagem de si.

3. O *ethos* revelado nos discursos dos professores

Os saberes docentes congregam formações específicas de cada área às formações pedagógicas que fazem dos graduandos os futuros professores dos cursos de licenciatura, no nosso caso, os professores de Língua Portuguesa. Buscando compreender como se dá essa articulação, necessitamos que os docentes, responsáveis pelas disciplinas, expressem seus posicionamentos com relação às funções que as disciplinas exercem na formação do professor.

Nossas discussões buscam compreender os sentidos que os docentes atribuem às disciplinas voltadas ao ensino no curso de Letras e que, por extensão, qual o *ethos* que eles revelam em suas falas que contribuem para a compreensão das disciplinas voltadas às metodologias de ensino na formação de professor.

Seguindo o percurso discursivo, nos exemplos 01, 02 e 03 os docentes se posicionam com relação ao que defendem acerca das disciplinas ministradas no curso de Letras das três (03) IES envolvidas na pesquisa.

Exemplo 01:

[...]
isso *aí* já ajuda para que eles vão ah... vão tendo um olhar de pesquisador, até porque o professor ele tem que ser um pesquisador, todo professor deve ser um pesquisador, como é que ele vai buscar informação, melhorar a sua prática não é? Então, essas práticas elas tem contribuído para esse incentivo à pesquisa, e aí nós já temos alunos que se engajam, no nosso departamento não era assim, é... não tinha entendido o aluno envolvido em pesquisa, querendo pesquisar, hoje você tem, é projeto de extensão, é projeto de pesquisa mesmo e isso eu vejo que é uma contribuição que a própria disciplina dá e ... para esse trabalho, para esse trabalho com a pesquisa. (P1)

O orador parte da ideia inicial de que todo professor deve se constituir também como um pesquisador, uma vez que, para ele, a pesquisa contribui para melhorar a prática de sala de aula. No discurso do P1, o incentivo à pesquisa é uma das contribuições que a disciplina promove para o crescimento acadêmico dos graduandos.

O professor se dirige aos pesquisadores em geral e aos estudiosos da própria IES por meio do departamento. Segundo ele, a instituição em que trabalha “agora” compreende a dimensão do ato de pesquisar. Entendemos que antes a relação ensino e pesquisa não se inter-relacionavam tranquilamente, sendo, portanto, uma ação mais recente. Percebemos, ainda, o diálogo com os professores das disciplinas da área de ensino que desenvolvem as ações de incentivo e ao próprio aluno que “agora”, de acordo com o orador, já se engaja nas atividades promovidas pela instituição com relação à pesquisa.

Temos, portanto, como ponto central, um orador que revela em sua fala o *ethos* de um professor-pesquisador e de um profissional que vê nas pesquisas as possibilidades de melhorias da educação. Assim sendo, deparamo-nos com um professor que considera a pesquisa como elemento essencial na graduação.

Exemplo 02:

Por que uma coisa que você tem que considerar muito fortemente quando se trata do ensino de Língua Portuguesa, é partindo do princípio de que o aluno já sabe Língua Portuguesa, *né?* É... ao mesmo tempo que ele já sabe, ele tem que aprender, então... é como lidar com esse lugar que muitas vezes é conflitivo mesmo, *né?* E que eu acho que gera muito, de todas essas polêmicas mesmo, *né?* De como se compreende muitas das coisas que se diz enquanto ao ensino de Língua Portuguesa mesmo, *né?* Bom, se o aluno já sabe, pra que eu vou ensinar pra que, *né?* Ou é numa outra perspectiva mais (inaudível) e prescritiva, o aluno sabe/ mais sabe o errado, então em algum lugar existe o correto, *né?* Então... assim, esses vários pontos de vista, quando eles vem pra sala de aula, acho que eles ajudam o aluno a ir configurando, *né?* uma ideia, do que seja ensinar a Língua Portuguesa, por que aí ele tem que partir de todos esses lugares, *né?* o que o aluno traz, o que é a norma e como ela é considerada por diversos autores, *né?* O que seria um suposto padrão, por que aí vai se alimentar mais é... da perspectiva tradicional, então eu acho que ajuda a gerar polêmica, polêmica nesse sentido de colocar vários pontos de vista em contraponto[...] (P2)

P2 parte do lugar de que o ensino se configura numa dimensão de conflitos, uma vez que, para ele, o aluno já vem para a escola sabendo Língua Portuguesa, o que leva à pergunta: se o aluno já sabe a Língua Portuguesa, qual seria o objeto de ensino da disciplina? Essa realidade pode oferecer aos graduandos uma visão do que seja de fato ensinar Língua Portuguesa, na medida em que, para o orador, a disciplina se configura em um amplo debate buscando construir conceitos vindos de várias teorias.

O professor dialoga com os graduandos, pelo fato de querer mostrar de onde partem os objetos de ensino da Língua Portuguesa e também com as teorias, tanto com as de perspectivas tradicionais como com as de abordagens mais modernas e atualizadas.

Vemos nos discursos desse orador, o *ethos* de um profissional que se apresenta com perspectivas teóricas amplas, que não segue apenas uma concepção, mas que compreende o caráter conflitivo da língua. Assim, considera-se um profissional que tende a aproveitar os diversos conhecimentos dos alunos para construir a aula, mostrando-se como um professor polêmico, pois entende que precisa partir de vários lugares de fala para compor o ensino de Língua Portuguesa na graduação, nem sempre estabelecendo diálogos harmoniosos com e entre os graduandos.

Exemplo 03:

[...]

Então, eu acho que a minha proposta é essa. No geral, as aulas acontecem mais... Assim... sabe... eu gosto dessa discussão. Sabe que eu gosto dessa disciplina? das disciplinas, que eu trabalhei até hoje, essa é a que eu falo menos. (Entrevistadora rir) Porque eu dou... acabo dando bastante espaço *pra* eles, *né*? O ano passado, - não sei se você chegou a presenciar essa aula? – nessas observações, que teve uma aula que era exatamente dessa apresentação dos planos de aula, que eu não podia falar de jeito nenhum, porque eu tinha extraído um dente e eu não tinha condições de falar. E aconteceram quatro aulas e, em nenhum momento, a gente ouviu o silêncio, porque os alunos conduziram a aula do começo até o final. Um grupo apresentava e os outros, eu não sei o que foi que aconteceu com eles, que eles incorporaram o professor.... Foi assim uma situação, assim, de chegar a deixar a gente lá no canto da parede, *né*? Então, é uma aula que, eles... no geral, ela acontece muito assim. Por isso que eu gosto dessa parte. Eu gosto, porque ela tem um caráter muito prático, essa minha disciplina. Eu consegui dar um caráter... Espero que agora, no próximo semestre, eu já consiga pensar... já vou pensar algumas modificações... A gente tem sempre que modificar. Não dá *pra* se acomodar. (P3)

O orador ressalta o caráter dialógico que a disciplina assume no desenvolvimento das ações, e destaca uma situação que realça esse ponto de vista, exemplificando sua postura em sala de aula.

Percebemos que ele se dirige aos colegas de profissão, mostrando a evolução das ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e se direciona aos alunos da graduação. O orador considera que pode conduzir as discussões com liberdade,

relacionando as experiências de sala de aula e as teorias que proporcionam inovação. Dialoga ainda com o entrevistador buscando saber se esse, quando observador na construção do *corpus*, presenciou o fato que o docente destaca em sua fala.

Nesse caso, deparamo-nos com o *ethos* do orador mais voltado ao profissional democrático, interacionista, que consegue promover espaços de discussões nos quais o aluno é o sujeito da ação. Ainda, de acordo com P3, ele não se considera um profissional acomodado, pois é alguém que busca constantemente inovar. O orador se vê como um professor inovador das metodologias nas disciplinas voltadas ao ensino.

Apresentamos, portanto, em síntese, no quadro abaixo, o *ethos* do professor por meio dos sentidos que os docentes atribuem às disciplinas voltadas às Metodologias de Ensino de Língua Portuguesa no curso de Letras.

PROFESSOR	ARGUMENTOS	ETHOS	AUDITÓRIO
P1	Argumentos baseados na estrutura do real; das ligações de sucessão: vínculo causal	Professor-pesquisador/ pesquisa: melhoria na educação/ incentivador	Pesquisadores/ professores das disciplinas (PROCAD)/ alunos da graduação
P2	Dissociação das noções	Profissional com perspectivas teóricas amplas/ aproveita os conhecimentos dos alunos/ polêmico	Graduandos/ teorias e teóricos
P3	Ligações que fundamenta a estrutura do real; o fundamento pelo caso particular: A ilustração	Inovador/ interacionista/ sujeito da ação pedagógicas/ democrático	Professores/ alunos da graduação/ teorias interacionistas

Quadro 10: *Ethos* dos professores nos sentidos atribuídos às disciplinas voltadas ao ensino de Língua Portuguesa

Palavras finais

Nos sentidos revelados pelos discursos, deparamo-nos com uma disciplina preocupada em direcionar suas ações à formação do pesquisador, mas que partem de lugares diferentes para construir seus percursos teóricos e, portanto, se configura como um espaço de conflito, pelo fato de que não se tem o domínio de uma verdade única do que seja importante, mas que está aberta às diversas possibilidades de teorias. E, por fim, nos vemos, ainda, diante de um professor que se sente muito à vontade em ministrar a disciplina e estabelece uma relação de afetividade com a mesma e com os alunos e que consegue fazer desta um espaço de aprendizagem constante.

Assim sendo, os oradores constroem seus posicionamentos de lugares de fala diferentes e dialogam com a comunidade, convidando-o a debater com mais afinco o que essa disciplina representa para um curso cuja meta é formar professores de Língua portuguesa.

Destacamos que essas discussões nos auxiliam na compreensão dos percursos teóricos e metodológicos que os docentes do curso de Letras traçam quando constroem os programas das disciplinas que se voltam às metodologias de ensino. Em outras palavras, essas se configuram como essenciais na formação de professor, uma vez que possibilitam uma visão ampla acerca dos conhecimentos teóricos, bem como se tornam espaços em que as discussões acerca de ensino e pesquisa confluem com mais intensidade na graduação.

Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MANELI, Mieczyslaw. *A Nova Retórica de Perelman: Filosofia e Metodologia para o Século XXI*. Tradução: Mauro Raposo de Melo. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

MOSCA, Lineide. S. (org.) *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana. (orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. (tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; revisão da tradução Eduardo Brandão) 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUZA, Gilton. Sampaio. *O Nordeste na mídia: um (dês) encontro de sentidos*. Tese de Doutorado. 402 p. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”/ UNESP. Araraquara: UNESP, 2003.

_____. *Argumentação no Discurso: questões conceituais*. In: FREITAS, Alessandra Cardozo; RODRIGUES, Lilian Oliveira SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. *Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens*. Pau dos Ferros, Queima-bucha, 2008.